

Scalabrini e a Oração

Scalabrini era um Bispo que alimentava sua incansável atividade com uma vida intensa de oração. Entre as suas prédicas sobre a oração sobressai a oração cotidiana de ao menos meia hora, a qual ele se comprometeu com o voto "sub gravi" (isto é, sob pena de pecado mortal).

Beato João Batista Scalabrini - Bispo e Fundador

Scalabrini era um Bispo que alimentava sua incansável atividade com uma vida intensa de oração. Entre as suas prédicas sobre a oração sobressai a oração cotidiana de ao menos meia hora, a qual ele se comprometeu com o voto "sub gravi" (isto é, sob pena de pecado mortal).

Este voto exprime bem, como uma marca (selo), o caráter de Scalabrini e revela, além disso, a fonte secreta de sua intensa atividade: porque do seu contato amoroso com Deus, Scalabrini imerge no plano divino de salvação, que se estende a todos os homens, especialmente aos últimos dos irmãos de Jesus. Conhecendo Deus e o seu plano, Scalabrini conhece também o homem que entra no plano de Deus e conhece melhor também a história do homem que colabora na realização daquele plano: conhece, isto é, os sinais dos tempos. A ação profética do Bispo de Piacenza, especialmente na sua obra maior de evangelização dos migrantes, é fruto também deste seu contato com Deus, que tinha como canal ordinário a oração.

Além de ser-lhe luz à ação, a oração era também a força: "É, exatamente, deste contato com a Divindade que o homem alcança energias sobre-humanas. Duas grandes coisas eu admiro no céu e na terra: no céu, a potência do Criador; na terra, a potência da oração. Ainda que o homem seja fraco quanto se queira, se ele reza torna-se forte da própria força de Deus".

No primeiro número desta coleção de "Dépliants" falou-se do primeiro ato oficial do Bispo de Piacenza há poucos meses da nomeação, e isto é, da carta ao clero para convidá-lo à necessidade dos exercícios espirituais. Neste número (do libreto), ao invés, veremos o seu último ato pastoral, a menos de três meses da sua morte, uma carta de 34 páginas para a Quaresma de 1905, que tem como título: "A Oração".

A estrutura da Carta Pastoral, como de costume, é linear. Ela fala aos fiéis, primeiro, da necessidade; depois da excelência; e, enfim, da eficácia da oração.

A necessidade brota do sentido de criatura do homem (também do homem Jesus), da sua dignidade de "voz" do criado, e da sua "miséria" na ordem natural e sobrenatural, miséria que é um pedido, isto é, uma oração, à misericórdia para obter a graça necessária à salvação. Também, a exemplo da Igreja, que reza na terra e no céu, confirma esta necessidade. A conclusão será a máxima de Santo Afonso: "quem reza se salva, quem não reza se condena".

A excelência da oração emerge da sua própria natureza de elevação da alma a Deus – por isso quem não reza ou "não compreende, ou não sente, ou não ama" -, e do fato que dela nascem "os bons e algumas vezes os grandes pensamentos" (com abundância de exemplos desde Galileu, a Newton, Beato Angélico, Tomás de Aquino, Haydn, Mozart, Colombo, etc.). A oração "forma os mártires e os heróis de Jesus Cristo", "transfigura e diviniza o homem" e, enfim, ela "é o vínculo de toda a humanidade"; abraçando em unidade os seres vivos e também a Igreja na Terra, no Purgatório e no Paraíso.

A eficácia da oração, além da história sagrada antes de Cristo, manifesta-se desde quando, "sob forma de escravo, Cristo se torna ainda mais o servo de todos aqueles que rezam"; e, além disso, ancorada às repetidas promessas de Jesus: "Pedi e vos será dado!"

Necessidade da oração ao mais humilde dos seres

O primeiro motivo, a respeito da necessidade da oração, está sabiamente ancorado no sentido de criatura, isto é, à persuasão íntima de que todo homem tem antes de tudo a consciência de não ter sido originado de si mesmo, mas de ter sido criado por Deus, e,

pois, que é dom de Deus também ser conservado vivo. Toda forma de oração nasce desta consciência e é o reconhecimento concreto disto. É por isso uma necessidade “radicada profundamente em cada homem e confirmada também na sua história”. Poderíamos dizer que: “a oração é para nós, criaturas racionais, uma necessidade congênita, instintiva, irresistível”: é uma necessidade e não um luxo, como não é um luxo para um triângulo possuir três ângulos.

Deus é autor supremo e sapientíssimo de todas as coisas e tudo está nas mãos Dele. Quem poderia negá-lo, sem negar a própria razão? Nele, como diz o Apóstolo, nós vivemos, nos movemos e somos. Ele nos deu o ser e em cada instante o ser nos conserva. Portanto, se a nossa vida aqui na terra é um dom, se nós não somos nossos, mas de Deus, é claro que a Ele devemos perene homenagem de gratidão, a oferta de nossa subserviência, o tributo de nossos louvores, o culto da nossa adoração, o sacrifício de nós mesmos. E o sacrifício é oração, o culto é oração, o louvor é oração, o reconhecimento é oração, já que oração, no seu mais amplo e nobre significado, é uma elevação da mente e do coração a Deus, é a homenagem da criatura ao seu Criador. Prostrados no pó diante da majestade do Eterno, recordando os seus atributos e os seus benefícios, nós instintivamente nos sentimos impulsionados a exclamar: Ó Deus grande, eu vos adoro! Ó Deus Benéfico, eu vos agradeço! Ó Deus ofendido, perdoai-me! Ó Deus piedoso, socorrei-me! Ó Deus bom, eu vos amo e vos amarei sempre! E isto é culto, isto é oração. Diminuir este culto, esta oração, é diminuir uma essencial obrigação de natureza e de religião, ao nosso primeiro e principal dever.

A obrigação da oração, como ato de culto e parte da religião está totalmente radicada no coração humano, que sobreviveu a todas as catástrofes, e tem sua origem no início do mundo. Podemos dizer que toda a religião hebraica foi caracterizada por holocaustos e orações ao Deus do Sinai, ao Esperado pelos povos (= Messias). Mesmo no paganismo, as nações mais bárbaras, ainda que não tivessem de Deus um adequado conceito, envolvidas como estavam nas trevas da idolatria, contudo, sempre e em todos os lugares, elevavam a Ele orações e sacrifícios.

Quando o estudioso pesquisa nas antigas ruínas e se põe a escavar o solo, de onde surgiram as cidades, o que vê? Vê restos de templos, isto é, traços de edifícios destinados à oração. “Vós, disse Plutarco (historiador grego antigo), encontrareis cidades sem muros, sem governo, sem leis, mas em nenhum canto da terra, encontrareis um povo sem altar, sem oração, sem Deus”. Em um lugar com pompa solene, em outro com rude simplicidade, o gênero humano sempre rezou, sempre acreditou que em todas as suas ações, das mais humildes às mais elevadas, para pensar, para agir, para amar, para sofrer, para merecer era necessário este socorro, e que para obtê-lo o homem não tinha outro meio do que a oração.

A oração é, para nós, criaturas racionais, uma necessidade congênita, instintiva, irresistível. E esta amorosa correspondência entre o céu e a terra, esta relação invisível do homem com Deus (...) existirá sempre aqui na terra. Que envelheça o mundo e piore, que os homens se tornem insolentes até o delírio, eles nunca conseguirão arrebear aquela corrente que liga o afeto à causa, a criatura ao Criador. Deus será sempre, direi assim, o mais popular dos seres.

Também Jesus sentiu a necessidade de rezar

A ponta desta página é que também Jesus “sentiu a necessidade de rezar”: Jesus, isto é, rezou não só para dar-nos o exemplo, mas também por uma sua necessidade “congênita, instintiva, irresistível”, sendo também ele, como verdadeiro homem, uma criatura.

Entramos aqui no mistério de Jesus, apenas tocado por Scalabrini, mas com sinais profundos e belos: “Ele mesmo rezou ao Pai, ele que com o Pai era uma só coisa – e, portanto, não teria tido necessidade de manifestar-lhe o seu coração” -, ele a quem o Pai tinha dado em poder todas as coisas” – e, portanto, não tinha necessidade de pedir-

Ihe ajuda! E, ao invés, sendo verdadeiro homem, sentia a necessidade de abrir o seu coração ao Pai e de ter a sua ajuda.

E o Verbo de Deus se fez homem para nos ensinar não só com os preceitos, mas também com os exemplos, Ele mesmo rezou ao Pai, ele que com o Pai era um só; Ele a quem o Pai tinha dado em poder todas as coisas. Rezou recolhido no deserto; rezou sozinho no monte, em vigília durante toda a noite; rezou na tumba de Lázaro e na entrada de Jerusalém; rezou antes de dar início a sua missão; rezou no templo, no cenáculo, no Getsêmani, no Calvário; rezou até o último suspiro para arrancar do suplício eterno a humanidade que nele assustada tremia, suava sangue e caía sob os golpes da morte. Que mais?

Quis traçar Ele mesmo, com sua própria mão, o modelo dos nossos pedidos naquela oração, aos olhos da fé tão simples e sublime, que depois de dois mil anos ressoa ainda nos lábios de todas as gerações e que abraça na sua brevidade todas as necessidades da alma e do corpo, quero dizer, o Pai Nosso.

Ora, exclama São Cipriano, se Jesus rezou, que era o Santo dos Santos, quanto mais não devemos rezar nós, os pecadores? Se reza a cabeça, como não rezam os membros? E se o divino Mestre tão profundamente sentiu a necessidade da oração, como não devemos senti-la, nós, os discípulos?

A excelência da oração

A definição clássica de oração, como “elevação da alma a Deus”, tem um desenvolvimento do tema “elevação” com uma série de verbos todos em direção vertical: “a oração impulsiona o vôo da alma, a eleva, a transporta”... Lirismo que se faz inclusive audácia quando afirma que, rezando, “o homem ordena e Deus obedece”. Não foge à evocação da Encarnação – que estabelece as boas relações do homem com Deus – lá onde Scalabrini alude a antífona natalina “Ó admirabile commercium”: “comunicação admirável de Deus ao homem”.

O pensamento mais profundo e mais bonito está, sem dúvida, no segundo parágrafo onde se define a oração como uma expressão de amor (já a primeira leitura a tinha definido como uma amorosa correspondência entre Deus e o homem), como uma conversa familiar que nos faz “participantes da amizade de Deus, das suas mais ternas efusões”. Não escapa a Scalabrini também a eficaz definição de oração como “função mais nobre e gloriosa” do homem.

O que é de fato a oração? É a elevação do espírito a Deus, fonte da vida, é o misterioso vínculo daquele intercâmbio que existe entre o homem e seu eterno Autor. A oração eleva a nossa alma acima da dor, a conduz ao seio da divindade. O corpo está sobre a terra, mas a alma está no céu. O homem fala e Deus o escuta, o homem pergunta e Deus lhe responde; digamos com ousadia, o homem ordena e Deus obedece! (...). A oração é, sem dúvida, a função mais nobre e mais gloriosa que o homem pode exercitar neste mundo, e lhe confere uma grandeza soberana. A oração não só nos coloca em íntima relação com tudo aquilo que há de verdadeiro, de belo, de santo no céu e na terra, mas nos torna também partícipes da amizade de Deus, das suas mais ternas efusões e das suas mais íntimas confidências.

A oração é Deus que, invocado, desce; Deus derramado, infundido no nosso coração, segundo a bela expressão de Santo Agostinho; Deus, nosso Criador, nosso Pai, nosso Redentor, nosso amigo, nosso irmão que nos olha e nos escuta, que sorri benévolo às nossas homenagens e aos nossos afetos.

A oração (...) é sempre e não outra coisa senão nobilíssima conversa com Deus. Que honra, ó diletísimos! O benévolo olhar de um monarca terreno, o amigável sorriso de um príncipe excelso vos torna honrados e vos enche de alegria.

O que dizer, então, se este príncipe, se este monarca vos admitisse na sua corte e para sempre? Pois bem, saibam, meus caros: Deus nos honra de uma maneira incomparavelmente maior, quando nos permite, pobres criaturas, de aparecer na sua presença, de ficar à vontade, de abrir-lhe o nosso coração, de expor-lhe livremente as

nossas necessidades, de falar de modo simples com Ele, exatamente como se faz entre amigos; não só isto, mas de viver à sua corte, e não como hóspedes estrangeiros, mas como seus moradores e familiares! Com razão, exclamava o profeta real, Davi: “Vós sois deuses, e filhos todos do Altíssimo”.

Eficácia da Oração

Através dos pensamentos dos Padres e Doutores da Igreja, a oração vem apresentada como onipotência suplicável, como a força do homem e a fraqueza de Deus, a Escada de Jacó que leva a Deus os pedidos dos homens e aos homens as bênçãos de Deus. Junto às vozes prestigiosas dos Doutores antigos, está também a de Scalabrini: “Deus é onipotente, disse o Profeta, e quem pode resistir-lhe? A oração, respondo eu”!

A oração, quando feita com humildade, não só iguala, mas supera, direi quase, a própria potência de Deus. “Deus é onipotente, disse o Profeta, e quem pode resistir-lhe? A oração, respondo eu (...).

Eis, portanto: o homem que reza vê, ao longo da história do mundo, o céu, a terra, a humanidade, o inferno, obedecer a sua voz. O que digo? Vê obediente à sua voz o próprio Deus.

Com esta onipotência suplicável, como a chama São Bernardo, parece que o próprio Deus tenha querido, de certo modo, prevenir-se. Quando, de fato, Deus quer deixar livre curso a sua justiça, o que faz? Primeiro de tudo, faz calar a oração (...). Porque diante da oração Deus não quer, não sabe, não pode resistir longamente. Santo Agostinho disse: “a oração é a força do homem e a fraqueza de Deus”. Nenhuma dúvida, ó caríssimos. A verdade pode talvez enganar? Ora, Jesus Cristo, verdade por essência, ainda uma vez disse e sua palavra não poderia ser mais explícita, mais precisa. Ele nos disse: “Pedi, e vos será dado; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á”. Porque todo o que pede, recebe; e o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-vos-á”.

Assim, ele prometeu; e quase como se isso fosse muito pouco, quis confirmar as promessas com o juramento solene: “Em verdade, em verdade eu vos digo!”

Depois de tudo isso, nos maravilhamos que Padres e Doutores da Igreja insistam tanto sobre a oração e lhe façam tantos elogios? Chave do céu, é chamada por Santo Agostinho, chave misteriosa que abre ao justo os tesouros das graças mais eleitas. É uma corrente de ouro, afirma Crisóstomo, suspensa entre o céu e a terra, pela qual nos agarramos a Deus e possuímos o coração Dele.

É a escada de Jacó, sentença Nisseno, ao longo da qual anjos sobem e descem para levar as nossas súplicas a Deus e trazerem as bênçãos.

As últimas palavras de Scalabrini

É a última exortação feita pelo Bispo aos seus fiéis antes de morrer, e é um convite a rezar, sobretudo com o Pai nosso, como o aprendemos no seio materno. Trinta anos antes, quando era pároco de São Bartolomeu, em Como, no Pequeno Catecismo para os jardins da Infância, Scalabrini escrevia: “Jesus Cristo fez breve esta oração, a fim de que todos, também as crianças, pudessem com facilidade aprendê-la, memorizá-la, e recitá-la com freqüência. É, de fato, a oração mais bonita, mais querida por Deus, mais útil”.

Ó, sim, rezai! Não há pessoa livre desta lei. Rezai, se virtuosos, para manter-vos tais; rezai se pecadores, para sair do vosso estado lacrimável. Rezai uns para os outros, para serem salvos, porque está escrito: “Muito pode a assídua oração do justo”. Rezai com humildade, com confiança, com perseverança. Rezai entre as domésticas paredes e rezai no templo. Rezai especialmente com aquela oração santa e sublime que o próprio Jesus Cristo, como já vos disse, ensinou aos homens, e com a qual pedimos ao Pai nosso que está no céu a glorificação do Seu nome, a vinda do Seu reino, a realização de Sua vontade, o nosso alimento cotidiano, o perdão de nossos pecados, defesa e ajuda em cada dificuldade. É este o modo de rezar que aprendemos no seio de nossa mãe, esta é a primeira oração que proferimos com lábios ainda inocentes diante do altar

doméstico, sobre o qual estava a imagem deste Pai amoroso. E quem sabe que esse Deus bom, por causa da pureza e do candor daquela idade, não use de misericórdia também hoje, contaminados como estamos de inúmeras culpas. Vamos, caríssimos! Conheçais as vossas verdadeiras necessidades. Pedi a Ele maior vivacidade e operosidade de fé, maior desapego das coisas terrenas, maior coragem para confessar abertamente Jesus Cristo. Pedi-lhe humildade, paciência, resignação, caridade, devoção, fortaleza, espírito de sacrifício, perseverança no bem. Pedi-lhe tudo isto sobretudo, e o vosso pedido será, sem dúvida, concedido.

* Livre tradução do Opúsculo "Scalabrini e la Preguiera" (Coleção elaborada por Padre Stelio Fongaro, com a colaboração de outros confrades).